

APROXIMAÇÕES FILOSÓFICAS ACERCA DA SEXUALIDADE HUMANA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

Lucas Saraiva da Silva¹

Prof. Dr. José Pedro Luchi²

RESUMO

Pretende-se apresentar uma abordagem da antropologia filosófica acerca da sexualidade humana. Diante das inúmeras tentativas de se entender tal dimensão constituinte do ser humano, que o acompanha desde sua concepção até a morte, cercada de mistérios, lendas, mitos e ritos, muitas linhas de reflexão e análise realizadas seja pelas diversas ciências seja pela psicanálise foram pioneiras em tais estudos, mas atingiram um conhecimento fragmentado que, por vezes, aplicado de forma generalista, traçou de maneira dogmática um saber que esteve longe da essência da sexualidade como um todo. Isto levou a um reducionismo, afastando-se da essência de tal abordagem. Dessa forma, a filosofia possibilita uma tentativa de conceituar todas as fragmentações do tema, desviando-se de qualquer parcialidade e traçando um olhar mais profundo e clareador, elevando-a em entendimento ampliado e a uma relação mais próxima no desafio de decifrá-la em seus mistérios e lhe dar uma direção. Trazendo como ponto de partida o corpo, a exterioridade e a expressão de nosso existir, a antropologia filosófica alcança, em suas categorias, uma estruturação que contempla conhecer o mistério fascinante que anda de mãos dadas com a humanidade: sua sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade humana. Reduccionismo científico. Antropologia filosófica. Mistério.

ABSTRACT

An approach of philosophical anthropology about human sexuality is presented. Given the numerous attempts to understand such a constituent dimension of the human being, which accompanies him from conception to death, surrounded by mysteries, legends, myths and rites, many lines of reflection and analysis carried out either by the various sciences or by psychoanalysis, have been pioneers in such analyses, but they reached a fragmented knowledge that, at times, applied in a general way, dogmatically traced a knowledge that was far from the essence of sexuality as a whole. This has led to reductionism, deviating from the essence of such an approach. In this way, philosophy makes it possible to attempt to conceptualize all fragmentations of the theme, deviating from any partiality and tracing a deeper and clearer look, raising it to a broader understanding and a closer relationship in the challenge of deciphering it in its mysteries and give it a direction. Taking as its starting point the body, the exteriority and the expression of our

¹ Graduando do Curso de Bacharel em Filosofia da Católica de Vitória Centro Universitário. E-mail: lucassaraiva@gmail.com.

² Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros, graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e mestrado e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. E-mail: luchi-jp@hotmail.com.

existence, philosophical anthropology reaches, in its categories, a structure that contemplates knowing the fascinating mystery that goes hand in hand with humanity: its sexuality.

Keywords: Human sexuality, scientific reductionism, philosophical anthropology, mystery.

1. INTRODUÇÃO

O tema traz uma abordagem acerca da sexualidade humana numa visão que buscou refletir o prisma da sexualidade estritamente a partir do campo da antropologia filosófica, que trata, por meio de suas categorias, das inúmeras variáveis que possibilitem compreender o ser e suas relações com as mesmas. Ampliando o entendimento dessa fascinante energia que guia o homem por caminhos estruturados ou o leva à perdição, a sexualidade do homem é uma característica que o acompanha o ser humano, revestida de mistérios e, ao mesmo tempo, provoca, pela sua descoberta, um fascínio e uma melhor integração quando aproximada a uma compreensão pessoal e social, onde pode ser expressa em vários âmbitos como a ciência, o mito, os ritos e o senso comum, em vários gêneros literários, em múltiplas obras artísticas e em tantas categorias. A sexualidade humana anda de mãos dadas com a humanidade, ainda que de forma intrínseca, o que constata que ela é inseparável do ser e marca a totalidade do homem, não se limitando a um setor. Contudo, tamanho fascínio é caminho de vida e ao mesmo tempo, esse mesmo elemento pode ser visualizado como caminho de morte, como aponta o desenrolar dessa temática numa investigação histórica-filosófica.

A sexualidade humana é uma das maiores riquezas do ser humano, mesmo que esconda em si surpresas e perplexidades. Sendo em sua base um elemento de realização do ser, como força de construção e, ao mesmo tempo, elemento de destruição degenerativa, um desmanche pessoal e social, carregada de bloqueios, repressões, medo do corpo, dificuldades afetivas em sua expressão e receio de tratar sobre si mesmo, é uma realidade a ser vivida e compreendida. Nosso desafio é compreendê-la e dar-lhe uma direção. Como menciona o estudioso a seguir:

Uma é aquela camada externa consciente sobre a qual facilmente falamos. Outra, um pouco mais submersa (como um iceberg), nós até temos consciência dela, mas não costumamos falar. E uma terceira é mais profunda, está no inconsciente; mesmo não tendo consciência dela está muito presente em nós e age sobre nosso modo de ser e, portanto, nos nossos comportamentos (AGOSTINI, 1998, p.171).

É indispensável obter uma visão abrangente, onde se resgate o dinamismo da

sexualidade, reconhecendo seu potencial no harmônico desenvolver da personalidade humana e considerando a contemporaneidade que nos provoca, a partir de análises atuais e distintas sob essa perspectiva fenomenológica. Compreender a dialética do ser humano e sua sexualidade ao longo da história; refletir sobre as especificidades do ser humano; identificar os aspectos que influenciaram na compreensão da sexualidade humana e sua relação com o ser humano, nas abordagens sociais que proporcionaram alcançar tais visões de cada era: são diversas facetas desse trabalho. O corpo é a partida de tal compreensão, um discurso imediato da presença do homem no mundo.

Foi-se o tempo em que a compreensão acerca da sexualidade do homem galgava mais ou menos a obscuridade de sua essência. Nos últimos tempos é comum mencionar a questão de uma “revolução sexual”, expressão utilizada por análises de comportamento, na forma de compreensão própria à sexualidade. De fato, as mudanças foram vastas e afetaram vários campos da vida humana. A interdisciplinaridade (psicologia, biologia e ciências sociais) também proporciona que os elementos já apontados garantam tal reflexão. A investigação aprofundada, consistente numa atualidade, que avança nos limites da reflexão do ser em sua totalidade, limitando a ciências reducionistas e apontando a visão mais ampliada em torno dessa reflexão. Tal estudo pode iluminar temas controversos dos debates atuais, apontando a novas perspectivas de entendimento e novas reflexões a partir de caminhos não acessados.

Trazer uma resposta a essa compreensão, deve ir além das determinações que reduziram a ciência, até então como elemento unicamente biologista, não recepcionando outras abordagens que proporcionam enxergar uma totalidade do ser, ou até mesmo atribuindo à sexualidade humana as práticas afetivas sexuais, de reprodução natural ou, ainda, de expressão única de desejo sexual ou prazer.

“Nenhuma taxonomia biológica poderia apreender as especificidades do desejo sexual. O desejo é de fato um fenômeno natural, mas está além do alcance de qualquer ‘ciência natural’ do homem” (SCRUTON, 2016, p. 9).

Sustenta-se que os comportamentos humanos não sejam redutíveis ou completamente explicáveis por um biologismo – um tratamento dos fenômenos sexuais como apenas um comportamento animal, por exemplo, o que é predominante na ciência moderna, como explicam as pesquisas sobre uma ciência

do sexo. A sexualidade (quando explorada no nível 'profundo' da ciência biológica) realmente 'não é nada além de um fenômeno animal, obediente às leis exemplificadas por cães, gatos e cavalos, modificada apenas pelo status evolutivo particular da espécie humana'. Essa abordagem reducionista da ciência moderna acerca da sexualidade humana, aplicada através de metodologias naturalistas, materialistas e freudianas, nunca foi capaz de uma compreensão que conseguisse apreender todos os aspectos humanos (espirituais, morais e físicos) envolvidos em um desejo, categoria elementar para captar melhor a questão da sexualidade no homem. Contudo, uma caminhada antropológica, atualizada de forma mais segura, é ir além do ponto final inserido nas linhas de pesquisa e nos costumes reducionistas sobre a fascinante energia que os rodeia de forma misteriosa, mas amplamente presente. A partir de uma leitura antropológica da corporeidade percebe-se melhor como a sexualidade humana, a partir de um aparato biológico, se estrutura no espaço social e se completa no âmbito espiritual. É traço da liberdade humana, possibilitar a integração e o decifrar das questões que a acompanham acerca da sexualidade humana: sua existência e seu sentido.

2. A REFLEXÃO SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA NA HISTÓRIA

2.1. A MITOLOGIA NA ERA CLÁSSICA

O universo das lendas e dos mitos já demonstrava a busca pelo desvendar do mistério da sexualidade humana. Conseguimos perceber a aproximação da raiz grega *myo – myen* (estar fechado) e mistério. A sexualidade não é demonstrada como matéria que o indivíduo por si só domina em sua compreensão racional, mas recorriam-se aos deuses de forma exclusiva e única. Dessa forma ao vivenciarem situações comuns das relações humanas como: amor, fidelidade, fertilidade, ódio, ciúmes, vingança, projetam-se tais vivências aos deuses. Em seguida tornou-se comum a prática de ritos, a fim de alcançar desses mesmos deuses favores ou aplacamento de sua ira. A humanidade sempre buscou interrogar-se de diversas formas sobre sua essência, seu ponto de partida e seu ponto de chegada, sobre a proveniência e sentido dessa força não tão bem reconhecida que determina a vida humana. Para a explicação de um questionamento, era necessária uma base segura, que buscasse responder as interrogações que surgisse ao longo da existência, e nessa era, recorria-se à mitologia. Desta maneira os mitos poderiam

ser considerados como uma chave preciosa para adentrar-se no terreno da sexualidade humana.

2.1.1. O mito da esfinge transcreve o mistério mitológico da sexualidade humana

Monografias ou livros sobre esfinges são raríssimos. Existem diversas: egípcias, assírias, persas, hititas, fenícias, gregas e tantas outras de expressão cultural distintas. Contudo, sempre parece que desejam falar algo do ser humano, inclusive tematizando sua sexualidade. Elas emergem, justamente para caracterizar as perguntas básicas sobre o caráter enigmático da vida humana e de todos os seus componentes. Dois exemplos podem mais bem destacar a afirmação acima, a saber: Édipo e Tebas. Na primeira, Édipo traz um desafio em sua vida. Foi marcado pelo seu destino a matar o pai para casar-se com a mãe. Porém, não enfrenta seu destino e, na angústia da culpa, arranca seus próprios olhos. Simboliza uma fatalidade, uma perversidade e um ser humano que foge de si mesmo, inibindo o ser um indivíduo capaz de se defrontar com sua própria esfinge. Em Tebas, vemos o apontar de seu enigma para cada ser humano, onde a solução está em si mesmo. O ser humano então traz consigo marcas de uma espécie de animalidade, sendo a única criatura suscetível de perversão.

No que diz respeito ao significado comum, que emerge mesmo em meio a pequenas diferenças, é preciso notar que as esfinges sempre querem falar algo do ser humano que a linguagem comum é incapaz de traduzir: as várias esfinges tematizam ângulos diferentes do mesmo mistério que cerca não só os seres humanos, mas toda as formas de existência. Poderíamos até afirmar que todas as esfinges, de uma forma ou de outra, tematizam também a sexualidade (MOSER, 2001, p. 23).

A mitologia então, mais ainda as mitologias de âmbito de esfinge, relaciona-se com a sexualidade humana, quando se assemelha ao mistério de seu ser, na busca daquilo que nem mesmo se vê, mas se sente, de forma paradoxal, manifestando-se a vida (integração, decifrar) ou a morte (desintegração, fuga de si).

2.2. A IDADE MÉDIA E A INTROVERSÃO

A história que trazemos da sexualidade e que se muito vivenciou na idade média, vem dos resquícios de um mundo helênico. Para os helênicos, que trazem a maior influência à nossa cultura, mais precisamente neoplatônica, o ser humano se compõe de matéria e espírito (visão dualista). Sendo uma a base do mal e o outro,

do bem. O corpo então faz parte da matéria, aparece no lugar das paixões e dos vícios, nele se encontra tudo o que existe de negativo, que por consequência aprisionou a alma. O espírito, é por sua vez, a possibilidade do crescimento do ser em Deus, a fonte de uma nobreza, de âmbito virtuoso, permanente e eterno. Essa visão então passa a desprezar e a reprimir tal corpo, caminho encontrado para o cultivo espiritual. Para a transcendência espiritual era preciso se desfazer das paixões do corpo, da matéria, e livrar-se de toda ela. Assim, a sexualidade, é claro, foi classificada como algo desprezível e o prazer como muito suspeito. O amor platônico aqui foi então entendido como aquele isento de corpo. Toda essa concepção dualista neoplatônica foi infiltrada no cristianismo, comunidade religiosa predominante em períodos da Idade Média, que traz como resultado uma sucessão de gerações condicionadas a esse pensamento e a essa relação com a sexualidade.

A introversão então seria o escrúpulo elevado ao máximo nas relações acerca da sexualidade e nas falas intimamente proibidas e desviadas, na educação dos filhos e de toda sociedade, bem como no impedimento frio ou intrínseco de se relacionar, considerando-a face-a-face. Contudo no desenrolar dos estudos e nas expressões deixadas nos registros, sempre se fez entendido que muitas chamadas discrepâncias da sexualidade eram praticadas, de forma livre e sem peso moral, mas buscando a discrição, visto que qualquer pensamento ou atitude diferente daqueles do padrão estabelecido era moralmente pecaminoso e socialmente condenável.

Foi a Igreja, a força dominante na vida moral espiritual das pessoas na Idade Média, que tomou a iniciativa de especificar quais atos sexuais as pessoas poderiam se permitir e de regulamentar, quando e com quem o sexo poderia ter lugar. O grau em que os objetivos dos eclesiásticos foram atingidos provavelmente jamais será conhecido com precisão. Mas, de qualquer modo, estimativas precisas do grau de conformidade das pessoas às normas sociais e sexuais são em qualquer tempo difíceis. Contudo, a partir das ações e reações da Igreja, seus pronunciamentos e preocupações, podemos deduzir alguma coisa quanto às atitudes e práticas que os eclesiásticos estavam procurando combater (RICHARDS, JEFFREY, 1993, p. 33).

2.3. ERA MODERNA E O ADVENTO DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Na Idade Moderna, o homem assumiu sua função de condutor de seu ser e se fez soberano em suas decisões e direcionamentos na vida. Com a relação em si e sua sexualidade, naturalmente apresentaria questões que proporcionassem ao indivíduo um olhar que quebrasse mais o tabu e não deixasse para Deus a escolha de suas

vontades, de seus atos e de suas ações. Refletir sobre o corpo ganha maior sensação de libertação de um dogmatismo religioso. As ciências naturais, inclusive a biológica, ganham mais liberdade e autoridade para dizer o fim último do ser e sua corporeidade. Novas linhas de se pensar a relação corpo e alma ganham força no espaço que aos poucos a ciência vai ganhando na execução do corpo. A razão, como condutora dessas expressões, é constatada pelas artes e pelos escritos, iluminando sempre o homem e sua centralidade no universo. Não podemos descartar a Revolução Industrial, que ampliou novas formas de se expressar em ambos os sexos, agindo sobre o trabalho feminino, proporcionando sua independência na moda, no método educacional dos filhos e, ao mesmo tempo, proporcionando questões de morte como a prostituição, felicitando-a assim como a promiscuidade, relações pré e extramatrimoniais, pornográficas e assim por diante, como menciona o estudioso em moral:

É exatamente neste nível que se coloca o mistério da sexualidade humana: se por um lado, é toda revestida de inocência, fascínio e promessas, por outro parece esconder ciladas mortais. Por isso, ao longo da história sempre se viveu a sexualidade num clima de enigma e de mistério, como uma realidade atemorizante e fascinante que frequentemente provoca uma atitude paradoxal (MOSER, 2001, p. 34).

O homem, sendo “dono” de si, se aproxima mais da descoberta do seu “eu” e de sua sexualidade. Deus foi colocado em um lugar onde não mais interferiria na caminhada que levaria à descoberta dos mistérios da humanidade, inclusive o da sexualidade.

2.4. A ERA CONTEMPORÂNEA E O MERCADO CAPITALISTA DA CORPOREIDADE

A Contemporaneidade dá continuidade ao processo, atualizando as relações com a sexualidade humana, valendo-se da ciência e de tantas outras teorias que a faz refletir. Nota-se que, nos últimos tempos, sobretudo a partir do século XIX, não param de crescer os conhecimentos científicos sobre a sexualidade. Além da bioética, que fez o mapeamento do ser humano, tais conhecimentos trazem aspectos físicos e biológicos, elevam a exatidão do processo de formação dos novos seres humanos, falando-se muito, também, em engenharia genética. Com o apoio da sexologia ofereceram-se novos horizontes na linha do comportamento e do conhecimento, com notáveis progressos na psicologia e na psicanálise, que trouxeram uma luz para dentro deste vasto campo da sexualidade, fazendo-nos entender que há nela um psicodinamismo que é indispensável à vida. Garante-nos

também observar quais distúrbios transitam entre nós. Mas também surge uma “dura” realidade em tempos atuais, que podemos chamar de um estrangulamento, resultando em uma concepção da sexualidade que desfavorece sua abordagem positiva. As grandes mudanças, que registram o significado do corpo (sentido externo ao eu-pessoal), dispõem-se como bem se entenda. Entregando-se aos meios de produção, vêm tornando-se elemento alienante, de fonte de comercialização, e de consumo em aceleração crescente. O prazer e a fecundidade garantem a produção do comércio. “Acaba-se separando a sexualidade da pessoa, como se fosse um objeto do qual a pessoa se serve.” (AGOSTINI, 1998, p.174)

A alienação corporal se dá imediatamente quando sua conquista, sua submissão e sua exploração são direcionadas à rentabilidade, a regras de trabalhos, a explorações, onde os registros são averiguados como subordinação do feminino, do trabalho, que passa por prostituição, pelo uso de propaganda dístico-comercial, e finalizando em mínimos salários. Desastrosos prejuízos humanos. A violência sexual é a explosão desastrosa, dilacerada e de formas diversas, chegando a situações sociais que explicam a existência de menores abandonados, suicídios de adolescentes, aumento de neuroses e psicoses, e consumo de drogas.

Este processo torna-se presente sobretudo no clima de consumismo de nossa sociedade, cuja tônica é a vendagem de tudo o que enfeita o corpo e o sexo, até chegar à venda do próprio corpo. Não há nada mais alienante politicamente do que alguém entregue/dominado pelo consumo do sexo, pois sufoca as demais dimensões do humano, fazendo o sexo um absoluto e não um componente entre outros da vida humana. Esta é uma prática terrorista/mortífera, pois liquida com ser humano (AGOSTINI, 1998, p. 175).

Ainda que ninguém queira ser alienado, a todo “vapor” em nossa sociedade, tal cenário ganha maior espaço nas últimas décadas, levada a extratos importantes de nossa população. Não é necessária muita observação para reconhecer que nossa civilização sofre, profundamente, com uma crise no comportamento de sua sexualidade e moralidade sexual.

2.4.1. A revolução sexual dos anos 60 – liberdade e problemática

O início dos anos 60 trazia, sobretudo ao mundo ocidental, uma revolução social, cultural e também a chamada Revolução Sexual. Envergonhar-se da sexualidade, a ponto de escondê-la na educação das crianças e dos jovens, sofre um choque. O conservadorismo social foi abalado com a mudança nos paradigmas das relações afetivas, que buscou reivindicar mais a liberdade sexual. Tal fenômeno esteve mais

ativo até os anos 70, e seu panorama desenvolvia-se em alterar os códigos de comportamento. Houve então maior aceitação do sexo fora do casamento e das relações homossexuais e poligâmicas. A nudez era normalizada e o aborto era vendido dentro de uma postura moralmente correta e de livre escolha pessoal. Os principais pensadores desse grupo, traziam uma utopia de uma sociedade igualitária, em que amor e sexualidade fossem livres de padronizações morais da Igreja e do Estado. Os especialistas médicos e cientistas eram mais importantes do que qualquer teólogo que inserisse Deus e sua vontade nas relações do homem e na sua pulsão sexual.

O matrimônio tradicional e a instituição familiar deveriam, então, ser trocados por novas relações, mais pessoais, e por expressões de amor e encontros sexuais. O tabu quebrou-se e a questão era o prazer e não a procriação.

O cerne dessa revolução reside nos costumes sexuais. Ela se constituiu numa construção de longo prazo, mas o seu desenvolvimento teve lugar primeiro entre as elites culturais. Na década de 1960 ela se generalizou entre todas as classes. Obviamente, foi uma mudança profunda. A relativização da castidade e da monogamia, a afirmação da homossexualidade como opção legítima, todas essas coisas tiveram um impacto tremendo nas igrejas, cuja postura nos séculos recentes havia posto tanta ênfase nessas questões e cuja piedade muitas vezes foi identificada com um código sexual muito rigoroso (TAYLOR,2007, p. 570).

Os fatores Ideológicos trazem a afirmação do indivíduo, de sua liberdade de identidade, de sua autorrealização. Como o aspecto humanista, que traz o desapego a um Deus, fazendo-se também de sua sexualidade um autodomínio e uma administração livres, ou seja, fazendo-se “dono” de sua corporeidade e de sua sexualidade. A forma de uso é como melhor classifica a sua compreensão. Um usufruir no qual as pessoas se usam como objetos comerciáveis superficiais. A consequência é essa percepção ampliada, sendo visível a energia psíquica de nosso ser proveniente da sexualidade, e a amplitude desta em todo o processo de evolução de nosso ser, desde nosso nascimento. As mudanças em tecidos sociais, oriundas das revoluções e da urbanização, muito contribuíram para a aceleração das mudanças no âmbito sexual. De um tabu, passa-se, agora, a objeto público e publicitário. O grande capital muito se favoreceu dessa “liberdade sexual”, que numa sociedade mais aberta passou a lucrar com o advento da pornografia pública e da nudez feminina, principalmente como isca ao consumo.

3. REDUACIONISMOS DA SEXUALIDADE HUMANA E SUAS CRÍTICAS

O reducionismo consistiu em limitar a sexualidade humana a fenômenos biólogos ou psicobiólogos. Em um determinado momento, não mais se preocupou com as questões sexuais, como a forma do tratamento tradicional, mas baseando-se em recorrer aos cientistas modernos. Assim, só os naturalistas poderiam garantir as melhores respostas de forma adequada. Não se recorria mais a uma representação que obtivesse uma tendência moral ou filosófica/social. Os cientistas tinham em suas mãos a investigação sobre a conduta da sexualidade humana, garantidora de um reconhecimento social que validava mais os posicionamentos direcionados pela comunidade científica, dado que, em suas estruturas de análise, todas as formas de comportamento têm uma “origem material”. A ciência traz a ideia de que um material objetivo, expresso em números, é resultado definitivo e imediato da sabedoria.

No entanto, foi precisamente essa dependência do prestígio da ciência que levou à contínua negligência do assunto. Tornou-se necessário assumir que o comportamento sexual é um aspecto da condição de “animal” do homem – um “instinto” cuja expressão exhibe as leis ocultas de um complexo processo biológico (SCRUTON, 2010, p. 9).

Desde o surgimento do dualismo platônico se colocou a distinção do mundo físico e suprasensível. Essa concepção aplicada à sexualidade humana, recorre à separação corpo-alma, deixando a nossa corporeidade destinada aos desejos e intencionalidades carnis, isenta de qualquer participação metafísica em sua estrutura. A sexualidade não seria vinculada unicamente à transmissão de vida, mas seria um componente inseparável dela, sendo um sinônimo próprio dessa mesma vida. Surge, em nossa constituição, como energia estrutural que vai perpassar toda a realidade humana. Ela está presente em todo o campo de expressão do homem, como dimensão pessoal, que vai repercutir todo o ser e, conseqüentemente, sobre a sociedade. Todas essas dimensões são importantes para a construção do ser humano, que podemos denominar “morada”, projetando-nos ao mundo e ao mesmo tempo garantindo sua projeção. Somos tentados a permanecer no campo biológico, mas dessa forma estaríamos em um plano parcial, e até certo ponto empobrecidos. A esse biológico acrescentamos o plano psicoafetivo. O ponto de partida é então a distinção do corpo como substância material e orgânica, em vista de um corpo próprio, ou seja, uma totalidade intencional. Todo cuidado é necessário para não se cair no reducionismo que nos igualaria a um comportamento animal, o que tem sido a base da ciência moderna.

Assim, tal ciência tem um modo de penetrar nas coisas e, desse modo, perdemos as coisas como um todo. A ciência moderna seria o conhecimento das “profundezas”, e a fenomenologia, o conhecimento da “superfície”. Uma prioriza o reducionismo e a outra, o holismo. Adotou-se um dualismo cognitivo, permitindo que nos vejamos no mundo tanto como agentes quanto como objetos. Devemos distinguir o mundo da experiência humana do mundo da observação científica. No mundo, existimos como agentes assumindo o comando do nosso destino e relacionando-nos uns com os outros através de concepções que não têm lugar na visão científica do universo. Para Kant, um mundo transcendental. Na experiência humana do mundo da observação científica existimos como organismos, impulsionados por uma causalidade marcada e relacionando-nos uns com os outros através das leis do movimento que tanto nos governam quanto regulam todas as outras coisas. Para Kant, um mundo empírico.

De um ponto de vista, o mundo transcendental é um reino separado do ser do mundo empírico, de modo que os objetos pertencentes a um não são existem no outro. Do outro ponto de vista, os dois mundos não são distintos, mas sim duas formas separadas de ver o mesmo material: podemos vê-lo da perspectiva “transcendental” do agente humano ou da perspectiva “empírica” do observador científico. Creio que devemos distinguir, não dois mundos, mas dois modos de entender o mundo e, em particular, dois empreendimentos conceituais separados, pelos quais nosso entendimento é formado. O mundo é mais que um objeto de curiosidade científica (SCRUTON, 2016, p. 19).

A tentativa científica de penetrar “as profundezas” das coisas humanas é quase que universalmente acompanhada por uma perda de resposta à “superfície”. Apesar disso, é na superfície que vivemos e agimos.

Há autores que acham que o corpo seja apenas um instrumento para a ação do eu, porém é mais válido, até mesmo por questões científicas, associar o corpo ao indivíduo, dessa forma, eu sou meu corpo. E sendo meu corpo, justamente as ações como: sorriso, choro, rubor, que são involuntárias, acabam sendo importantes no âmbito sexual, pois comunicam vontades, pensamentos e desejos que nos caracterizam.

Uma tal vontade científica é a expressão de uma superstição que acredita na capacidade ilimitada da ciência e para a qual o mistério é só algo que ainda não foi investigado. Na verdade, esse cientificismo é uma variedade primitiva da ânsia à verdade, mas ao mesmo tempo, destrói as categorias humanas. O que faz necessário demonstrar que nossas descrições, que tornam a ação humana o recurso mais importante do nosso mundo circundante, não são suplantadas pelas

verdades da ciência. A ciência tem nos afastado do mundo, fazendo-nos desconfiar dos conceitos por meio dos quais lidamos com ele. A filosofia, arte de revisão e reflexão encarregam-se de uma tarefa de restituição.

3.1. A PSICANÁLISE FREUDIANA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES

Freud conferiu à sexualidade um sentido mais amplo do que aquele aceito comumente. No seu estudo do homem ocidental, a sexualidade é constitutiva da subjetividade do homem, de modo que o corpo vai se erotizando desde a infância, em diferentes áreas. Na psicanálise, a sexualidade humana não se limita ao corpo biológico, pois seria produzida por experiências psíquicas inconscientes. E, justamente por esse caminho, ela relacionou as vivências da sexualidade infantil ao aparecimento de neuroses na vida adulta. Os estudos freudianos, sem dúvidas alguma, foram uma ruptura na tradição que controlava a sexualidade e as suas possibilidades, por todas as vias, e legitimava tal dominação dos corpos por meio do discurso científico. Daí que surgem as noções de “perversão” e “degenerescência” que, por muito tempo, deram uma roupagem pseudocientífica à homofobia, à transfobia e a todo tipo de repressão da sexualidade.

Freud viu na sexualidade a origem das doenças psíquicas que ele encontrava em sua clínica, como a histeria e a neurose obsessiva. Como demonstra Foucault em sua obra *A Vontade de Saber*:

Na grande família das tecnologias do sexo que recua tanto na história do Ocidente cristão e entre as que empreenderam, no século XIX, a medicalização do sexo, ela [a psicanálise] foi, até os anos 1940, a única que se opôs, rigorosamente, aos efeitos políticos e institucionais do sistema perversão-hereditariedade-degenerescência (São Paulo, 1987, pg. 117).

Assim, percebemos que o discurso de uma provável ciência era direcionado por uma sólida formação moral, e o que a sexologia procurava fazer era muito mais legitimar, de forma “científica”, os preceitos morais da época do que entender como se operava a sexualidade humana. E os conceitos de hereditariedade e degenerescência, que afirmavam a transmissão de caracteres “perversos” pela linearidade familiar e entendiam as perversões como uma degeneração da espécie, foram somados aos estudos. Dessa forma, a proximidade da sexologia com a suposta ciência que estudava a pureza da raça foi o início de diversas teorias racistas.

Com a Teoria Sexual, Freud desvinculou a sexualidade – até então naturalizada organicamente e moralizada culturalmente na forma de instinto reprodutivo – da genitalidade. Essa ruptura foi trabalhosa e levou Freud a erigir um novo arsenal conceitual para explicar, entre outros fatos humanos, a sexualidade infantil na determinação dos destinos do indivíduo e da cultura (MASIERO; OLIVEIRA; RAGNOLI e et al., 2006, p. 60).

Assim, os resultados de seus estudos passam a considerar a energia sexual como ampla importância, como essência da atividade humana, sendo reconhecida como ponto de referência para a formação do psiquismo humano. No artigo *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”*, de 1905, os estudos estabelecem que a sexualidade não deveria ser tratada como instinto (comportamento animal definido pela hereditariedade), e Freud, então, introduz o conceito de “pulsão”. A presença de necessidades sexuais se manifesta por meio de pulsões, e tais pulsões são de natureza sexual, que vai denominar de libido. O princípio do conceito de sexualidade, para Freud, é de que toda pulsão é pulsão sexual. Pulsão significa energia, ou seja, impulso que direciona o comportamento do homem. Energia, por sua vez, é aqui considerada libido, que é a pulsão de vida, a energia das pulsões sexuais, traçando, assim, a diferença entre o termo sexual e o termo genital. Essa análise freudiana, acerca da sexualidade humana, foi fundada numa metáfora da mente humana. A consciência, para Freud, é nada mais do que um compartimento da mente. A mente é estruturada por forças e barreiras: assim os estados mentais são empurrados para o inconsciente pela repressão, e mantidos como defesa, ou rompem essa defesa elevados a uma ação inebriada de libido para o mundo. O consciente e o inconsciente são diferentes regiões de um espaço interno, onde uma é iluminada e a outra não, e nessa dinâmica, ambos se confrontam pela ascendência. A região iluminada é denominada ego; nos ombros do ego, está o “superego”, que é mestre e criador do ego, e atormentado por ele.

Contudo, o pensamento de Freud é permeado de contradições: se critica severamente a repressão sexual, depois assume a postura de que tal repressão é a base necessária de qualquer civilização e cultura, sendo então, socialmente imprescindível. A sua moral era fruto de uma época e de condições materiais da vida; ir além implicaria em questionar seus próprios valores. Seu complexo de Édipo é a forma como entendeu esse processo de subjetivação sexuada, ou seja, de aquisição de sua feminilidade ou masculinidade, de seu posicionamento psíquico-sexual. Para ele, este processo estava profundamente vinculado não apenas à primeira infância e suas experiências, como também à estrutura familiar burguesa.

Isso estava absolutamente correto: o erro de Freud foi defender que esse modelo era universal e atemporal. A abordagem freudiana consiste em considerar que seus estudos, que culminaram em esclarecer o conceito de inconsciente, se desenrolaram bem, pela apresentação a partir do complexo de Édipo, que era primordialmente um reservatório de instintividade reprimida. Contudo, os direcionamentos dos estudos reduziram o homem a um ser pseudocientífico, apenas. Freud refletiu para além de uma abordagem biologista, mas manteve-se estacionado ao completar o ser com a categoria psíquica, desvinculando-o de qualquer abordagem noética, transcendental ou religiosa. Foi mais um membro das influências positivistas de sua época, direcionada pela forma primaz, pelas luzes da razão e pelos experimentos científicos, momento de auge nas reflexões do Círculo de Viena. Seu exercício com a medicina foi favorecendo os estudos psicanalíticos, modelo psicoterapêutico que manifestou os avanços científicos de seu tempo, mas junto aos limites e aporias do positivismo do século XIX.

O reducionismo, poderia eu defini-lo como um processo pseudocientífico mediante o qual os fenômenos especificamente humanos são reduzidos a fenômenos sub-humanos ou destes se deduzem. Quer dizer, por conseguinte, que, em termos gerais, o reducionismo se poderia definir como um subumaníssimo. Por detrás do amor não haveria, pois, senão os chamados impulsos inibidos; e a consciência com o superego (FRANKL, 1986, p. 37).

Freud considerava a filosofia, a religião e o espírito noético como uma “sexualidade reprimida” por formas de sublimação. Para ele, não era de se esperar da filosofia ou de qualquer outro porto de reflexão, que não fossem as bases experimentais, nada mais eram do que a teorização de uma neurose disfarçada. E nem sequer se pensava no problema de saber se a neurose não é antes uma consequência de se ter posto em prática uma filosofia errada. As dimensões da realidade humana somadas aos seus estudos limitados, contribuíram para que o homem, na sua relação com sua sexualidade, tenha uma visão mais consciente de seu próprio ser, de sua individualidade e de seu lugar no cosmos, de sua significação no tempo e espaço bem como de sua responsabilidade histórica. O determinismo ou o reducionismo repercutirá sempre na vida humana, de maneira a levar a uma compreensão generalizada de um todo. Caminho errôneo nas perspectivas de análises de uma visão clara e distinta da sexualidade humana.

4. O SUPORTE FILOSÓFICO ANTROPOLÓGICO DA SEXUALIDADE HUMANA

No contexto ao qual estamos inseridos, nos aponta a uma postura mais materialista e sexista, de onde resultará em maior enfoque em aspectos biológicos. Para evitar tamanho equívoco, aponta-se desde já que a sexualidade humana é dotada de várias faces conscientemente e vamos além do aspecto biologista. Nossa concepção da sexualidade humana está pautada em numa visão do homem, e utilizará inicialmente do corpo como suporte de seu desenvolvimento. Nele descobrimo-nos como seres sexuados e nessa concepção vamos formando o entendimento de nós mesmo, do mundo que nos rodeia e do sentido a partir do qual nos compreendemos. Contudo há uma questão a ser tratada: De que corpo estamos falando? Ainda que exista a clara concepção do corpo biológico, inegavelmente há vários patamares em que essa questão precisa ser tratada.

4.1. ESTRUTURA A PARTIR DE UM CORPO BIOLÓGICO

O valor do corpo, biologicamente falando, assumiu diversos tons, desde a humilhação até a exaltação, o que acabou possibilitando o antagonismo de corpo e alma. Uma exaltação de um dos compostos em detrimento do outro, pode ser de corte materialista ou de corte espiritualista. O corpo é explicado por diversas ciências, e pela biologia humana em particular, que vão constituindo-se, segundo normas epistemológicas do respectivo saber científico, por uma metodologia que toma o corpo como objeto. Contudo, o procedimento científico não reduz o corpo como objeto à sua referência humana e à sua integração com a totalidade da vida.

No caso da compreensão explicativa do corpo, sabemos que a mediação entre o que é dado ou a natureza e a forma é exercida pelo sujeito abstrato, ou seja, enquanto obedecer às regras metodológicas e à formalização do conhecimento científico (VAZ, 2001, p. 179).

Como ponto de partida, o corpo encontrou seu núcleo germinal na compreensão da condição corporal do homem no mundo. Pelo corpo o homem é presença no mundo físico-orgânico, ou seja, uma presença natural, fundamentalmente passiva, colocado no espaço e no tempo do mundo, que vai se fazendo a um corpo intencional, sendo a autoexpressão do sujeito, uma presença intencional no mundo, ser-no-mundo; e pela sua compreensão organiza-se o seu estar-no-mundo e o espaço tempo do sujeito: psicológico, social e cultural. É notável que a filosofia tenha encontrado dificuldades ao longo de suas reflexões. Ora acentua em demasia um, ora outro

ângulo. As ciências não deixam de revelar a tensão dialética que marca o ser humano, que pode ter os olhos voltados ao céu, mas com os pés firmes na terra. Uma tensão dialética entre o espaço físico, o biológico e o intencional, não é só benéfica, mas indispensável para se conseguir humanizar a sexualidade, dando a mais bela expressão do ser humano no tempo e no espaço. O corpo biológico manifesta a totalidade exterior do ser humano, sem ser a totalidade desse mesmo ser, sendo a recepção do seu querer e seu pensar. Ele é o tecido de ligação no qual eu e o outro nos interpelamos na possibilidade de relação. Uma existência se valida pela existência de outro corpo, e nisso se faz a aparição da sexualidade, espaço privilegiado no qual o ser, faz a experiência de passagem do natural ao intencional. A sexualidade humana totaliza a articulação de sua dimensão natural-instintiva com a dimensão intencional.

4.2. ESTRUTURA A PARTIR DE UM CORPO PSÍQUICO-AFETIVO

Nossa afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestará sob um formato de emoções, paixões e sentimentos, que trazem em sua companhia as impressões de dor ou prazer, alegria ou tristeza, expressando, assim, uma integração ou não da personalidade do homem. Embora estejam enraizadas no biológico, tanto a afetividade quanto a sexualidade são próximas, mas distintas pela sua manifestação, na medida em que passam a interagir com o meio ambiente. O que caracteriza a sexualidade é a energia ativa, ou um impulso, que empurra tanto para dentro como para fora, numa relação de influências intermitentes. A afetividade, ao contrário, se apresenta como uma espécie de energia passiva. Assim, ela acolhe as impressões colhidas pelos sentidos e, por assim dizer, as armazena. Ao sermos afetados pelas impressões externas, somos marcados, de maneira mais ou menos profunda. Como se fosse uma caixa acústica que armazena o som, mas não só isso, pois essa mesma caixa faz reverberar esse mesmo som colhido. Podendo então ser percebido de forma secundária.

A busca por um entendimento desses fenômenos psíquicos deve ter presentes dados da Psicologia Profunda, vivenciados no inconsciente como uma espécie de guarda-volumes dos resultados das experiências afetivas, armazenadas no inconsciente e jamais esquecidas.

Nenhum estudo sério sobre a afetividade humana pode deixar simplesmente de lado a dinâmica do inconsciente. E é exatamente numa tal concepção que a afetividade não pode ser esquecida como componente importante da estruturação do humano: numa espécie de cisterna e fonte ao mesmo tempo, a afetividade é como que um regulador dos “humores”, tanto em nível pessoal quanto impessoal (MOSER, 2001, p.58).

Diversas correntes filosóficas acentuaram a razão como predominante e pouco espaço deram para os sentimentos e para as emoções, e justamente a modernidade, casada com as novas invenções tecnológicas e científicas, ganha reforço nessa predominância. Assim, uma atual onda de misticismo busca abrir o “coração” – característica da pós modernidade, onde se busca recuperar o valor da afetividade na sua extensão e na sua profundidade. Nesse contexto, uma interação entre o biológico e o psicoemocional, no campo da saúde e da doença, não seja apenas o bom funcionamento dos órgãos e, sim, seja um “estado de espírito” – outro nome a caracterizar a afetividade. É necessário não perder concepção de que estamos mergulhando num mundo de fronteiras indefinidas, mas onde, com profundidade, se imprimem as marcas e tendem a se perpetuar por mais tempo. Assim aparece a importância primordial da educação afetiva. É um processo mais lento do que a própria sexualidade, o que torna difícil estabelecer como que fronteiras entre as duas. Prismas diferentes que requer cuidados diferentes.

4.3. ESTRUTURA A PARTIR DE UM CORPO SOCIAL E CÓSMICO

Nessa materialidade do corpo cruzam-se inúmeros poderes e saberes e ainda nessa materialidade corporal se encontra a sede da sexualidade, mas ao mesmo tempo sede de toda atividade do homem, seja política, cultural, social, religiosa seja simbólica, tendo em vista que essa energia é abrangente. É uma relação de caminho privilegiado pois a sexualidade nos coloca em relação com os seres humanos e com os demais seres. Desde a concepção do homem essa relação vai se estabelecendo por continuas mensagens emitidas e recebidas, conhecendo e nos dando a conhecer. Ou seja, é uma base social: tocam, sentem, falam, comungam, abordam nossa história e carregam nossas marcas de alegrias e brutalidade sediada pela vida percorrida.

Nossos corpos são como o disco rígido de um computador, que vai armazenando tudo, escondendo tudo, mas ao mesmo tempo disponibilizando uma longa história através de pequenos toques. Nossos corpos são essencialmente veículos de comunicação de sentimentos constantes, numa dialética constante de revelar e esconder, de dar e receber (MOSER, 2001, p. 60).

Nessa complexidade de muitas dimensões constitui-se o corpo (biológico, social, cósmico e psicológico), preferindo-se usar o termo corporeidade ou corporalidade, em vez de se falar corpo, sendo esse termo uma experiência vivida de forma fenomenológica. Corpo em que vamos nos tornando, que é simbólico antes de ser biológico, como afirma o teólogo Moser: Com efeito, a primeira manifestação corpórea é a que se encontra na mente dos pais quando imaginam que o filho(a) será “alto”, “baixo”, “magro”, parecido “com” (Moser, 2001). Que será a concretização através dos corpos, quando participamos de um universo que nos rodeia e nos constitui. Sua linguagem é isenta de palavras, se elabora por expressões, traz um arcabouço de informações, e que não mente. Nosso corpo também remeterá a uma classe social. Na individualidade, como foi tratado pela pessoa e no modo coletivo, é ligado mais às condições monetárias, sociais, culturais em que se vive. Da mesma forma que temos o costume de falar sobre um corpo antes ao nascimento, no caso de uma gestante que imagina as características de seu filho, ou seja fala-se de um corpo simbólico. Também se pode e se agrega a uma moldagem, somado ao biopsicológico, fatores econômicos-sociais e mesmo ideológicos.

Estes, conjugados com instituições, aparelho jurídico e normas de comportamento, vão trabalhando os corpos de acordo com a classe e a função social que eles deverão exercer. O modo de falar, andar, olhar...traduz toda uma visão de mundo que é introjetada nas pessoas de acordo com sua classe social e com o tipo de trabalho que lhe é destinado (MOSER,2001, p. 62).

Ainda que o conceito de classe sofra suas alternadas interpretações, seja na visão marxista seja na neoliberalista, faz-se necessário recuperar tal sentido de forma mais ampla, a fim de entendermos nosso modo de ser e de atuar, sobretudo em termos de sexualidade. Visto que há uma interação dos corpos pessoal e social, ressaltar uma abordagem antropológica que classifique os corpos numa classe social continua sendo muito sugestiva.

A esfera cósmica é a realidade de relação do ser humano, que demonstra uma espécie de cansaço de uma linha racionalista e de uma exacerbação tecnológica. Assim, emergem expressões de uma nova espiritualidade, que vai se articulando em energias cósmicas e mais outras variadas energias. Uma constatação clara de que existe uma visão mecanicista do homem, direcionada a uma visão mais integrada, ecológica e holística que traduz essa mudança de paradigma científico. O homem

passa a se dar conta de que não se relaciona com a criação de uma forma governamental e sim participa desse todo. O homem então sintetiza em si os elementos do universo material, que nele atingirá sua plenitude.

[...] o ser humano é um microcosmo, que reproduz em escala menor o que se passa no grande universo. E mais do que isso: o corpo humano sofre todo o tipo de influxos, seja dos astros, seja dos outros “corpos” e das outras formas de energia espalhadas pelo universo (MOSER, 2001, p. 66).

A centralidade do homem no universo, o chamado antropocentrismo, é restaurada como um partícipe que deixou de comandar para *con-viver*. Compõe tudo correto, mas sem uma primazia universal.

4.4. ESTRUTURA A PARTIR DE UM CORPO ESPIRITUAL

O corpo espiritual é a expressão da interioridade. Não vemos o corpo de um ser humano como simples corpo, e não se encerra nos aspectos exteriores, mas nos direciona para algo além dele, para uma manifestação a partir de sua exterioridade. Não é o modo de dominar o mundo, mas uma condição imprescindível de habitá-lo e de viver a experiência nele. Não há outro modo de conhecer o corpo se não o de vivê-lo. O corpo participa plenamente da realização do espírito e consente com tal realização.

A corporeidade é uma dimensão da pessoa humana, do “eu” humano. De fato, é a pessoa humana quem experimenta como próprios a dor ou o prazer bem como as outras atividades do corpo. “A corporeidade é tão própria do homem quanto a sua espiritualidade. O homem é sempre um espírito com corpo; um espírito sozinho, descorporificado, não pode ser um homem”. Propriamente falando, o ser humano não tem corpo (não é objeto que possa ser possuído), mas é corpo (dimensão básica da pessoa humana) (RUBIO, 2001, p. 35).

É essa perspectiva de um corpo espiritual que faz com o que o homem seja diferente de qualquer ser vivo. O corpo de uma só vez nos apresenta a alma; o espírito e o corpo em uma indissolúvel unidade, não necessariamente observável como um corpo biológico e sim como formação de uma estrutura peculiar que denominamos: *ser humano*.

Na corporeidade humana, o espírito humano está presente ao modo de corporeidade. Um corpo é a alma mesma na medida em que está encarnada. Daí o caráter expressivo-simbólico da corporeidade humana. É a presença atuante do espírito que torna transparente, até certo ponto, o corpo humano. Acontece, sobretudo com o olhar, com a expressividade facial, com os gestos e palavras do ser humano (RUBIO, 2001, p. 345).

4.4.1. Uma abordagem bíblica

Podemos dizer que o corpo, de forma esquemática, destina-se a um sinal de realidade maior. Pelo “espírito puro”, na fenomenologia da religião cristã, por exemplo, o corpo é destinado a participar uma glória divina e através desse mesmo corpo espiritual se poderá compreender melhor o sentido da sexualidade numa antropologia atualizada. A princípio a estruturação se denomina *basar* (carne). Contudo *basar* não é igual a carne morta e sim associado a um espírito e à vida. Origina-se na Terra, mas somam-se elementos inerentes ao *ruah* (espírito). Os elementos da antropologia bíblica, mais precisamente no Antigo Testamento, relatam uma relação do corpo que aponta para algo maior do que eles próprio. Uma espécie de epifania dos corpos, que sadios ou não, participam desse processo de relação de encontro com a divindade.

Para o mundo bíblico, o corpo é uma realidade sagrada, complexa, devidamente articulada, em relação a si e aos outros. Se é verdade que o corpo tanto pode trazer as marcas da força e da beleza quanto da fraqueza e da fugacidade que caracterizam tudo o que é criado, é também verdade que já pelo seu corpo o ser humano pode transcender às demais criaturas, fazendo-se símbolo corpóreo do senhorio do Criador (MOSER, 2001, p. 68).

Entende-se que todo o trabalho de Jesus Cristo, que inaugurou o Cristianismo, foi uma doação aos outros através do corpo, para que os homens, seja vendo-o, seja tocando-o, pudessem encontrar a Deus. Pois assim habitaria nele a plenitude da divindade, corporalmente. Visto que nas curas “milagrosas” não se tratou de um restabelecer fisiológico, necessariamente, e sim de uma associação a uma fé que destaca o corpo como matéria, que passa pela biologia e implanta sementes de eternidade, é mais do que uma matéria, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus. Daqui se estrutura o cuidado com o corpo e sua recepção como templo da divindade. Destinado a uma glória transcendental.

4.4.2. Uma abordagem da antropologia Paulina

Uma concepção antropológica cristã sempre traz a figura de Paulo de Tarso como uma figura que partiu de uma filosofia e uma prática de desprezo do corpo, pontualizando a compreensão do cristianismo, de um corpo e da sexualidade numa perspectiva histórico-salvífica. A perspectiva de Paulo, levou a atitudes opostas, quase que paradoxal: uns apregoavam abstinência absoluta, ressaltando os direitos do corpo e da sexualidade, quando guiados pelo Espírito e outros se julgavam livres,

interiormente tão livres e desapegados, que poderiam experimentar de tudo, mas sem se contaminarem, o que ressalta o direito do Espírito. Contudo é argumento de fundo que os corpos, como criaturas divinas, são destinados a serem templos.

O importante, nesta contraposição, é perceber que aquilo que Deus condena não é a “carne”, mas o pecado. Por isso mesmo, o que São Paulo contrapõe não são duas compreensões de corpo, mas duas atitudes: uma guiada pela força do Espírito, a outra pela força do pecado que habita em nós. O paralelo que se estabelece é, portanto, entre o “homem velho” e “o homem novo” segundo o Espírito (MOZER, 2001, p. 71).

Esse itinerário traz o ser humano envolvido numa história de corpo de pecado e de corpo de graça. A um trata-se de uma condição original e ao outro à condição histórica que se regenera e se atualiza nas questões de queda pelas obras da carne. Paulo continua seu pensamento ao proclamar o corpo como templo de Deus, e a Ressurreição é decisiva em sua antropologia. Trata-se, não necessariamente de uma imortalidade da alma, mas sim um pré-anúncio pelos corpos de uma grande Parusia, um retorno ao princípio unitário de todas as coisas e de todos os homens – Deus. Semeados em fraqueza, ressuscitaram com vigor, do corpo animal ao corpo espiritual, ainda que se ressalte o eu interior e se considere o corpo como cárcere da alma, na visão de uma ascensão direta ao Céu pelo grupo dos espiritualistas. Paulo os responde com uma positividade do corpo e de suas manifestações. Qualquer atividade que colabore com a dignidade do ser humano é boa. São um louvor à divindade as ações corpóreas.

Percebemos um incentivo à valorização do corpo em todas as suas dimensões, incluindo, naturalmente, a sexualidade. Na relação com um grupo, chamado “libertinos” que equiparavam pela justificação a generalização das experiências de prazer sexual e prazer alimentício, dando continuidade à sua antropologia, Paulo rejeita essa equiparação de uso de corpos para o prazer e o tomar alimentos. Dá a ele uma resposta clara e densa, representativa de sua reflexão:

Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? E então vou tomar membros de Cristo e fazê-los membros de uma prostituta? Por certo, não! Não sabeis que aqueles que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo? Pois está dito: *Serão dois em um só carne*. Ao contrário, aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito. (BÍBLIA, 1973, p.1496).

Fica claro que, na compreensão Paulina, relacionamento sexual deve ser encontro e relação de mútua presença. Uma relação que poderá edificar ou profanar. O que vai depender de como é vivida a sexualidade: de maneira egocêntrica, instrumentalizada e carnal. Ou então de forma mais espiritual, com expressão de

amor mútuo, de um comunicar pessoal e com diálogo à vida. A liberdade pode ser uma cadeia invisível ou um ser escravo de suas paixões.

A maior dificuldade está em compreender e articular a espiritualidade característica ao ser humano. Não se absorve o entendimento como espírito, mas como corpo. A antropologia bíblica paulina oferece, assim, uma contribuição ímpar em termos antropológicos, pois articula de maneira indissociável corpo e alma, matéria e espírito. Há nessa concepção uma verdadeira espiritualidade da matéria, já que tudo, ainda que seja distinto, está ligado ao Criador de forma íntima.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse componente antropológico: a sexualidade humana, ao ser avaliada pela História da humanidade e ser interpretada sob aspectos polarizados em seu decorrer, requer uma observância de sua fenomenalização entre os seres humanos. A antropologia filosófica, então, busca com suas categorias atender a esse mistério que se apresenta de forma distante, mas, ao mesmo tempo, tão próximo que não percebemos, devido aos critérios e bloqueios que nem mesmo uma modernidade autossuficiente poderia simplificar para um entendimento tão lógico, sem um caminho e conceitos errôneos e pré-conceitualizados. Desconsiderando os elementos abordados pela ciência reducionista, para interpretar essa polarização da reflexão sobre a sexualidade, desvia-se das formas dogmáticas aplicadas à sexualidade humana, reescrevendo as certezas já impostas e estudando o ser em sua totalidade. A sexualidade dependerá muito de nossa concepção antropológica e essa mesma antropologia sempre encontra no corpo seu suporte. E em torno desse embasamento antropológico, caracteriza-se a multiplicidade de aspectos que marcam a sexualidade, evidenciados em quatro estruturas: o biológico, o psicoafetivo o social-cósmico e o espiritual que se realiza de forma distinta, mas completam-se na unidade do ser humano.

Na estruturação biológica, nota-se as dificuldades históricas encontradas no caminho de sua relação e interpretação sexual. Onde se acentua em demasia o ângulo científico, deixando de revelar a exatidão das tensões dialéticas que marcam o ser humano, que pode fazer relação o espaço científico ao espaço inanimado, na busca de uma compreensão mais completa da sexualidade do ser humano.

Na estruturação psicoafetiva, mergulhamos num mundo indefinido de fronteiras,

onde com maior profundidade as marcas da sexualidade se imprimem e tendem a se perpetuar por mais tempo. Leva à necessidade de trazer a afetividade uma educação, claramente mais lento do que a sexualidade, o que requer cuidado diferenciado.

As maiores tensões se revelam na estrutura social e cósmica. Esse mesmo ser humano que encontra suas dificuldades de se haver consigo mesmo em suas pulsões e aspirações, só alcançará a integração se souber posicionar-se socialmente. Um diálogo a partir das expressões corporais, resultando o “eu” e o “não eu”. O que não é uma decisão voluntária, mas sim uma condição histórica, herdada ao menos em sentido duplo: geneticamente e socialmente, sem dizer de outras condições próprias do ser humano, trabalhada em sua identidade por múltiplos fatores. Assim o “eu” já recebe um corpo configurado até mesmo antes de nascer; um dado forçado a se encaixar dentro de uma classe social, e em costumes pré-estabelecidos. O que não pode ser ignorado, pois ignorar as classes sociais e seus influxos sobre o corpo e a sexualidade é ignorar uma das condições constitutivas do ser humano e umas das condições de um trabalho de humanização. Do mesmo modo, jamais poderíamos lançar-nos de corpo e alma nas teorias científicas acerca das forças cósmicas e sua atuação sobre o homem e muito menos ignorá-las. Visto que todas as culturas de todos os tempos, dão ciência desta interação do homem com todo o universo. Existe a dificuldade de mensurar até que ponto essa interação é capaz de atuar de forma preponderante, mas com certeza, há interação.

Contudo, a maior dificuldade é compreender e articular uma espiritualidade num corpo não compreendido numa dimensão no ética-espiritual e sim como matéria corpórea. Percebe-se que a antropologia bíblica oferece uma contribuição que articulou e marca o corpo humano, existindo uma verdadeira espiritualidade da matéria, que se direciona ao seu criador.

De fato, há uma pluralidade de significados que envolvem as marcas do corpo humano e é justamente tal pluralidade que nos assegura que não é a ciência a última instância a dar uma significação do corpo nem será este seu objeto científico. Assim o corpo, é o ponto de partida para tal compreensão, a mais imediata expressão do ser abarcado por sua sexualidade, persistida a olho nu e sentida nas relações interpessoais, podendo então direcionar seu estudo a um entendimento

inédito e compreensível. Dessa forma, será acolhida em nossa consciência a importância de se vencerem os reducionismos acerca da sexualidade humana, levantando-se hipóteses sobre uma real consciência do que é esse importante elemento de constituição dos seres humanos e rodeado de crenças mitológicas e inebriado de mistério. A reflexão busca, em sua estrutura, uma visão investigativa aprofundada e consistente, numa contemporaneidade que avança nos limites da reflexão do ser em sua totalidade, limitando as ciências e apontando a visão mais ampliada em torno dessa reflexão. Tal estudo pode iluminar temas dos debates da atualidade, apontando para novos caminhos de entendimento e novas reflexões a partir de direções que não foram conhecidas. O fundo último da sexualidade sempre será um mistério que não poderemos exprimir. Irrompe-se em um corpo humano e constitui-se numa energia capaz de transcender o corpo. É nesse sentido que para o corpo e a sexualidade humana torna-se muito importante a busca de nos situarmos entre o antagonismo de um espiritualismo desencarnado e um materialismo reducionista.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Fr. Nilo. **Teologia Moral: O que você precisa viver e saber**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do Texto em Língua Portuguesa. ed. rev. São Paulo, Ed. Paulinas, 1973.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

_____. **Ética, sexualidade, política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

_____. **História da Sexualidade: A vontade do saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 149 p. v. 1. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. 2. ed. São Paulo: Quadrante, 1986. 352 p.

FREUD, Sigmund. **TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE**. [S. l.: s. n.], 1905. Disponível em: file:///C:/Users/lluca/Downloads/Tr%C3%AAs%20Ensaios%20Sobre%20a%20Teoria%20da%20Sexualidade%20Sigmund%20Freud_.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª Ed. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MASIERO, André Luis; OLIVEIRA, André Luis; RAGNOLI, Fabiano; GOZZOLI, Larissa. **A crítica freudiana ao reducionismo biológico**. SCIELO BRASIL, Poços de Caldas, v. único, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100006>. Acesso em: 18 out. 2021.

MOSER, Antônio. **O Enigma da Esfinge: a sexualidade**. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

REALE, G. **História da Filosofia**. Volume III.8ª Ed. São Paulo, Paulus,2007.

RICHARDS, Jeffrey: **Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média**; tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.

RUBIO,G. **Unidade na pluralidade**.1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SALVADOR, Helder. **Eu corpo: Manifestação do ser humano**. REDES: Revista Capixaba de Filosofia e Teologia, Vitória, ano 4, v. único, ed. 7, p. 77-106, 2006.

SIEGMUND, Georg. **A Sexualidade Humana**. 1ª Ed. São Paulo: Loyola, 1972.

SCRUTON, R. **Desejo Sexual: uma investigação filosófica**. 1ªEd. Campinas: Vide Editora, 2016.

VAZ, Henrique C.L. **Antropologia Filosófica I**.6ª Ed. São Paulo, 1991.

TAYLOR, Charles. **Uma Era Secular**.1ª Ed. São Leopoldo. 2007.